

SHAKESPEARE E OS DESCOBRIMENTOS PORTUGUESES

Rogério Miguel de Puga

“From the fifteenth century on, travel accounts played a significant part in the rise of literary exoticism. The successes of Marco Polo, the Portuguese Ferdinand Magellan (...), contributed decisively to the launching of a new literary genre, the travel account-exoticism.”

François Jost, «Literary Exoticism», in *Introduction to Comparative Literature*, 1974, p. 115.

Em pleno século XVI, Portugal continuava a desbravar mundos novos, enquanto argonautas ingleses como Walter Raleigh se aventuravam também por mares nunca antes navegados. Portugal abria novos horizontes, contribuindo de forma ímpar para o progresso do mundo; daí o interesse de inúmeros intelectuais e escritores estrangeiros pelos nossos feitos marítimos.¹

Na Inglaterra isabelina, navegadores como Sir Francis Drake seguiam as rotas dos descobridores lusitanos, enquanto na metrópole escritores e letrados liam relatos dessas mesmas viagens, onde bebiam influências; como veremos, Shakespeare partilha também desta emergência do fenómeno exótico pela mão dos portugueses.

No entanto, C. S. Lewis afirma que a nova geografia estimulou mais a imaginação de mercadores e políticos do que a dos

¹ John Rastell (c. 1475-1536), no seu interlúdio *Four Elements* (c. 1520) refere indirectamente as façanhas ultramarinas portuguesas e directamente Portugal:

“[...] And Spayne southwarde from thens standynge,

And **Portyngale** in this quart [...]”. [Ap. Maria da Nazaré Farmhouse, *The Four Elements e os Descobrimientos Portugueses*, 1959, p. XXXIV; (negrito meu)].

escritores: "Lodge writing a romance about Arden while he sails to the Azores is typical".²

Thomas More (1477-1535), em *Utopia* (1516), revela a importância dos Descobrimentos portugueses através do fictício navegador português Raphael Hitlodeu: «(...) there is no man alive today can tell you so much about unknown peoples and lands (...)».³ As duas últimas viagens de Vespucci, com quem Raphael navegou, foram feitas ao serviço da coroa portuguesa, e o facto de esta última personagem ser de origem portuguesa e narrar uma viagem ao desconhecido confere à história narrada maior verosimilhança. Sendo Rafael⁴ o nome do anjo que curou Tobite da sua cegueira (Tb 3:17) e guiou Tobias (Tb 5: 4-17), é possível que o Raphael de More, sendo um navegador português e tendo navegado e visitado muitas paragens do globo terrestre, pudesse curar a cegueira da Inglaterra Tudor e guiá-la através do seu "saber de experiência feito", enquanto lhe mostrava novos modos de ser e viver em comunidade. Convocam-se então novos materiais, suportes e saberes ao longo da progressiva descoberta do mundo e do Outro.⁵

Francis Bacon (1561-1626), no primeiro parágrafo de *New Atlantis* (1629)⁶ também refere como destinos de navegação a China e o Japão, metas por excelência dos navegadores portugueses, como o atesta a arte *namban*.

Shakespeare (1564-1616) teve, como o demonstram diversos estudiosos da sua obra, acesso a várias narrativas de viagens que referiam o império português, o Preste João⁷ e o *achamento*⁸

² C. S. Lewis, *English Literature in the Sixteenth Century excluding Drama*, 1944, pp. 16-17 [referência completa na bibliografia].

³ Robert M. Adams (ed.), *Thomas More. Utopia*, 1975, p. 6.

⁴ Rafael, em hebraico, significa "Deus cura". (Cf. *Bíblia Sagrada em Português Corrente*, 1995, p. 1060).

⁵ Cf. Jean-Marc Moura, *Lire l'exotisme*, 1992, p. 3: "L'exotisme est en effet lié à ce thème fondamental de la littérature mondiale, le voyage (...) le déplacement."

⁶ Arthur Johnson (ed.), *Francis Bacon. The Advancement of Learning and New Atlantis*, 1980, p. 215. A nota referente à página 225 informa-nos que a expressão "(...) within these six-score years (...) gave men confidence to adventure upon the waters; (...) " se refere aos Descobrimentos de Quinhentos: Bartolomeu Dias (1488); Vasco da Gama (1498) e Fernão de Magalhães (1519-22).

⁷ Em *Much Ado About Nothing*, II, i, 249 refere-se "Prester John" (Sir Arthur Quiller-Couch e John Dover Wilson (eds.), *William Shakespeare. Much Ado About Nothing*, 1975, p. 24).

⁸ Manuel Simões afirma, a propósito da *Carta de Pêro Vaz de Caminha*, que "o vocábulo *achamento* foi o primeiro a ser utilizado para designar o resultado das explorações marítimas portuguesas, [convivendo depois] com a palavra *descobrimento* (síntese de *buscamento* ou *achamento*), a qual acabará por sufocar a primeira. Os estudiosos contemporâneos voltam a propor o primeiro termo, considerando-o mais de acordo com a própria dinâmica da acção empreendida." (*A Literatura de viagens nos séculos XVI e XVII*, 1985, p. 43).

de monstros marinhos, ilhas encantadas e povos longínquos, obras essas em que a imaginação se conjuga com o exotismo, descrevendo o encontro do povo português com o Outro; a “inter-knowledge” de que Francis Bacon nos fala.⁹

Encontramos em três peças de Shakespeare referências directas ao Portugal quinhentista, todas elas relacionadas com o comércio e as Descobertas marítimas. Portugal, como país do Sul da Europa, era também um local exótico¹⁰ onde embarcações vindas dos novos mundos se cruzavam e novas mercadorias se comercializavam. Não será, portanto, de estranhar que William Shakespeare aluda quer aos feitos dos nossos navegadores, quer aos exóticos produtos que diariamente invadiam a metrópole portuguesa e, posteriormente, as capitais europeias via Lisboa; não só se comercializavam mercadorias exóticas, como também obras de autores portugueses que, sendo traduzidas, acabavam por influenciar escritores ingleses. *Diana*,¹¹ de Jorge de Montemor (ou Montemayor), é considerada unanimamente uma das fontes das peças *The Two Gentlemen of Verona* e *A Midsummer Night's Dream*. De acordo com Charles Boyce¹² e Geoffrey Bullough, esta novela influenciou também as peças *As You Like It* e *Twelfth Night*.

A acção de uma outra peça levada à cena no primeiro Domingo de 1585 para a Rainha Isabel I, intitulada *The History of Felix and Felio(s?)-mena*, parece ter sido também influenciada pela obra de Jorge de Montemor, peça esta que Shakespeare e Philip Sidney poderão ter conhecido, uma vez que este último utiliza igualmente o disfarce sexual em *New Arcadia*:¹³ Pyrocles disfarça-se de Amazona (Zelmane) para seduzir Philoclea.¹⁴

⁹ Francis Bacon, *op. cit.*, p. 224.

¹⁰ Em *A True Declaration of the Estate of the Colonie in Virginia, with a Confutation of such Scandalous Reports as Have Tended to the Disgrace of so Worthy an Enterprise* (1610) encontramos uma exótica comparação entre o clima e a flora de Portugal, Virgínia e Florida: “(...) when the most delicate of all flowers grow there [Virginia] as familiarly as in the fields of *Portingale*, where the woods are replenished with more sweet barks, and odors, than they are in the pleasantest places of *Florida*.” (Ap. Geoffrey Bullough (ed.), *Narrative and Dramatic Sources of Shakespeare*, vol. VIII, 1985, p. 297).

¹¹ Novela pastoril de título completo *Los Siete Libros de la Diana*, Valencia, 1559. Escrita em castelhano, esta obra teve 17 edições no século XVI e foi traduzida para inglês por Bartholomew Yong em 1582. Foi publicada em Londres no ano de 1598, embora Shakespeare possa ter tido acesso ao manuscrito da tradução antes desta data, pois já Edward Paston e Thomas Wilson haviam traduzido partes da obra em 1563. No segundo livro da primeira parte da tradução desta novela existe uma referência ao “invincible King of Portugall”, conhecido em todo o mundo (Cf. Geoffrey Bullough, *op. cit.*, vol. I, 1977, p. 229).

¹² Charles Boyce, *The Wordsworth Dictionary of Shakespeare*, 1996, p. 442.

¹³ Cf. Geoffrey Bullough, *op. cit.*, vol. I, pp. 206-7. Bullough enumera diversos temas, motivos e episódios do segundo livro da primeira parte de *Diana*, que Shakespeare poderá ter utilizado, de forma original, na peça *The Two*

O imaginário de diversas peças de Shakespeare foi decerto enriquecido pelos Descobrimentos portugueses, quer através da literatura de viagens, quer através de conversas com amigos ou conhecidos sobre figuras portuguesas como o judeu Roderigo Lopez ou Fernão de Magalhães. Ao desenharmos um mapa dos locais onde a acção das diversas peças de Shakespeare tem lugar, verificamos que o Sul da Europa marca uma presença exótica,¹⁵ que talvez despertasse a atenção do público londrino; o próprio Othello seria quase tão exótico para a audiência do *Globe* como os negros que chegaram com os portugueses ao Japão.

Na peça *King Henry IV, Part I*, Poinz acusa Sir John Falstaff de ter vendido, qual Fausto, a alma ao Diabo, em troca de um cálice de vinho da Madeira e uma perna de frango:

“Poinz. Jack! how agrees the devil and thee about thy soul, that thou soldest him on Good Friday last, for **a cup of Madeira** and a cold capon's leg?”

(I, ii, 111-113, negrito meu)

Um lorde inglês vende então a alma ao Diabo, não em troca de um vinho qualquer, mas de um cálice do doce vinho da Madeira, ainda hoje exótico até para o paladar português, um vinho lusitano suficientemente bom para ser moeda de troca numa transacção com o Diabo. De facto, a ilha da Madeira foi desde cedo uma plataforma-cruzamento onde paravam inúmeros viajantes e mercadores dos séculos XV-XVII, quer a caminho do Novo Mundo, quer de regresso à Europa, pelo que o licoroso vinho da Madeira teve oportunidade de se espalhar pelos quatro cantos do globo terrestre,¹⁶ tal como outros vinhos portugueses.

Gentlemen of Verona: a criada, mensageira de D. Felix e Felismena, que deixa cair a carta do primeiro, serenatas com destinatários trocados e o facto de, tal como Felismena, também Julia seguir Proteus na floresta. Também Kenneth Muir, em *The Sources of Shakespeare's Plays*, 1977, p. 17, aponta como semelhanças entre as duas obras o facto de Felismena se vestir de pagem para servir de mensageira entre Felix e Celia, situação análoga à de Julia-Silvia-Proteus.

¹⁴ Cf. Katherine Duncan (ed.), *Sir Philip Sidney - A Critical Edition of the Major Works*, 1989, p. 391.

¹⁵ Cf. François Jost, *op. cit.*, p. 114: “Even for Europeans, the (...) shores of the Mediterranean have to this day retained the charm and magic they possessed in the centuries of the Caesar's glory.”

¹⁶ Os contactos entre o povo inglês e a Madeira estenderam-se, noutros tempos para outras esferas. Para além de Colombo (1498) e inúmeros outros navegadores europeus, também em 1854 o geólogo vitoriano Sir Charles Lyell (1797-1875) visita a ilha para explorar os resultados das inúmeras erupções

Em *King Henry VI, Part II*,¹⁷ a personagem 2 Neighbour convida 1 Neighbour para saborear um cálice de “Charneco”:

“2. Neigh. And here, neighbour, here’s **a cup of charneco**”
(*Henry VI, Part II*, II, iii, 62, negrito meu)

Este vinho (charneco) é, de acordo com Andrew S. Cairncross¹⁸ e o *Oxford English Dictionary*,¹⁹ um vinho português, também mencionado por escritores como Samuel Rowlands (c. 1570-1630) em *The Letting of Humours Blood in the Headvein*, vi, 79 e Francis Beaumont (1584-1616) juntamente com John Fletcher (1579-1625) na comédia *Wit Without Money*, II, 152. Referência, portanto, recorrente na Inglaterra isabelina, facto que demonstra a popularidade do vinho português na capital inglesa. Actualmente ainda é produzido, na região demarcada do Alentejo, um vinho denominado Charneco.²⁰

Em *As You Like It*, encontramos uma referência directa a Portugal, mais precisamente à “baía de Portugal”. Rosalind confessa a Celia:

“Ros. _____ My affection hath an unknown bottom, like **the Bay of Portugal**.”
(IV, i, 197-8, negrito meu)

Esta “baía” é, segundo Agnes Latham, “the sea off the coast of Portugal from Oporto to the headland of Cintra”.²¹ Sendo

vulcânicas que se deram quando da sua formação. Também o jovem Charles Darwin (1809-82) visita a Madeira e as ilhas Desertas quando de um cruzeiro pelo mundo em 1832, a bordo do *HMS Beagle*, observando, vinte e sete anos antes da publicação de *The Origin of Species*, a fauna e flora únicas do arquipélago.

¹⁷ Andrew S. Cairncross (ed.), *William Shakespeare. King Henry VI, Part II*, 1969, p. 55.

¹⁸ *Ibid.*

¹⁹ Cf. *O. E. D.*, Vol. III, 1989, p. 47.

²⁰ Cf. José A. Salvador e Luís Ramos, *O Livro do Vinho*, 1989, p. 74: “Ao oferecer um “copo de Charneco” a uma das personagens da sua peça *O Rei Henrique VI*, Shakespeare lançava, em 1594, uma polémica sobre a verdadeira identidade desse vinho e hoje os autores dividem-se atribuindo-o à região de Bucelas, na esteira de H. Warner, enquanto outros como Henrique Braga admitem que o Charneco possa ser de Setúbal. Esta polémica, como a que se trava acerca da origem da Casta Arinto de Bucelas, ilustra a importância deste néctar por muitos considerado como o “príncipe” dos vinhos brancos portugueses.”

²¹ Agnes Latham (ed.), *William Shakespeare. As You Like It*, 1975, p. 101. Latham refere na nota ao verso 198 uma carta de Raleigh que refere esta mesma baía de Portugal, expressão que Wright afirma ter sido utilizada por marinheiros até finais do século XIX.

Portugal um país distante, esta comparação hiperbólica confere à fala de Rosalind um tom profundamente poético, exótico e misterioso. Para além de Shakespeare, também Christopher Marlowe (1564-93) refere, em *I Tamburlaine*,²² a mesma “baía de Portugal”, bem como Veneza, o Oriente e o México, ao falar da expansão marítima:

“Tamburlaine. Where they shall meete,
and joine their force in one,
keeping in aw **the Bay of Portingale**:
And all the Ocean by the British shore.”
(III, iii, 257-59, negrito meu)

Quanto ao local em questão, a baía poderá ser formada pela reentrância da costa que vai desde a Foz do Douro até ao Cabo da Roca e que actualmente sabemos não ser tão profunda quanto Rosalind pensava. Esta extensão de costa²³ seria conhecida por todos os navegadores na Europa de Quinhentos, uma vez que Lisboa era um importante porto de comércio, como se pode verificar numa outra peça de Shakespeare.

Em *The Merchant of Venice*, Bassanio, ao falar com Salerio, enumera vários entrepostos comerciais importantes no século XVI:

“Bass. From Tripolis, from Mexico and England,
From Lisbon, Barbary²⁴, and **India**,
And not one vessel scape the dreadful touch
Of merchant-marring rocks?”
(III, ii, 267-269, negrito meu)

²² Fredson Bowers (ed.), *The Complete Works of Christopher Marlowe*, 1973, p. 120.

²³ Costa esta cuja água Raul Brandão afirma, em *Os Pescadores*, não ser suficiente para lavar as mãos de Lady Macbeth: “A ria [de Aveiro] é uma grande poça onde Lady Macbeth lava sem cessar as mãos há séculos (...)”. (*Os Pescadores*, 1973, p. 77).

²⁴ A Berbéria foi uma das terras pelas quais os portugueses tiveram que enfrentar os ingleses a partir de 1551. Em pleno século XVI mediam-se forças e possessões coloniais, repelindo-se intrusos a todo o custo. Richard Hakluyt afirmava: “**The Portugals** were much offended with this our new trade into **Barbary** (...) and gave out that if they took us in those parts, they would use us as their mortal enemies (...) [they] think to be Lords of half the world, envying that others should enjoy the commodities which they themselves cannot wholly possess.” [Richard Hakluyt, *The Principal Navigations*, IV, pp. 35-36 (Ap. A. L. Rowse, *The Expansion of Elizabethan England*, 1955, p. 173; negrito meu)]. Era esta a voz da era dos Descobrimentos, sendo curiosas as expressões utilizadas por Hakluyt para transmitir a sua mensagem.

Lisboa, metrópole do império português, é aqui referida como um porto de escala e comércio, tal como a própria Inglaterra. Curioso é o facto de Shakespeare não referir Portugal, mas sim Lisboa, quando esta cidade não era o único local de comércio no nosso país, apesar de ser o mais importante; Lisboa poderá assim funcionar como uma sinédoque. Quanto à Índia, era façanha bem conhecida de todos a de Vasco da Gama. O cenário desta peça é Veneza e todos os locais enumerados, excepto os do continente americano, mantinham relações comerciais directas com Veneza no século XVI.²⁵

Ainda em relação a *The Merchant of Venice*, inúmeros estudiosos de Shakespeare referem o julgamento de Roderigo Lopez²⁶ como influência directa na peça. Lopez, judeu português converso, médico de Isabel I desde 1586, foi acusado pelo conde de Essex e enforcado em 7 de Junho de 1594, por tentar envenenar a Rainha e o amigo português da mesma, D. António, Prior do Crato.²⁷ Este episódio originou, em Londres, sentimentos nada propícios à comunidade judaica, bem como o surgimento de inúmeras peças em torno de personagens judaicas.²⁸ No ano da morte do português, *The Jew of Malta*, de Marlowe regressa quinze vezes aos palcos londrinos,²⁹ sendo a caracterização de uma das suas personagens, Barabas, influenciada pelos traços

²⁵ Cf. M. M. Manhood (ed.), *William Shakespeare. The Merchant of Venice*, 1987, p. 13: “ (...) they [Venetians] venture also to India and to Mexico – from both of which they would in real life have been debarred by Iberian interests”. Também John R. Brown (ed.), *William Shakespeare. The Merchant of Venice*, 1955, p. 90, afirma que a referência ao México é uma imprecisão por parte de Shakespeare.

²⁶ M. M. Manhood afirma, na página sete da introdução da peça de Shakespeare anteriormente referida, que o judeu português se chamava Ruy Lopez e não Roderigo, baseando-se no estudo de Gustav Ungerer, *Anglo-Spanish Relations in Tudor England*, 1956, pp. 81-174. No entanto, a maioria dos investigadores concorda que esse mesmo judeu se chamava Roderigo. Este médico português foi levado para Inglaterra como prisioneiro por Sir Francis Drake, em 1574. Para notas biográficas sobre Roderigo Lopez e outros judeus portugueses exilados na Inglaterra vide Maria João da Rocha Afonso, *O Percurso de um Estereótipo – O Judeu em Scott, Dickens e Eliot*, 1985, p. 27ss e Cecil Roth, *A History of the Jews in England*, 1979, p. 140ss.

²⁷ Cf. J. Lúcio de Azevedo, *História dos Cristãos Novos Portugueses*, 1921, p. 419.

²⁸ Cf. Maria João da Rocha Afonso, *op. cit.*, p. 49: “Finalmente, com *The Jew of Malta* de Marlowe e *The Merchant of Venice* de Shakespeare, temos a figura do judeu definitivamente inserida na tradição literária inglesa. Da personagem que, no drama religioso medieval, era sobretudo o assassino de Cristo, o inimigo da verdadeira fé, chegamos, através da transição para o drama regular que as moralidades apresentam, àquele cujo traço dominante passa a ser a usura.”

²⁹ Cf. Russel Brown (ed.), *William Shakespeare. The Merchant of Venice*, 1979, p. xxiii.

biográficos de um outro judeu português³⁰, Miques, que se estabeleceu em Constantinopla por volta de 1555, assumindo o cargo de conselheiro do Sultão e recebendo, posteriormente, o título de Duque de Naxos e das Cíclades.

São inúmeros os estudiosos de Shakespeare que vêem na seguinte fala de Gratiano (*The Merchant of Venice*) uma alusão a Lopez:

“Governed by a **wolf**, who — hanged for human slaughter —
Even from the gallows did his fell soul fleet,”

(IV, i, 134-5, negrito meu)

O termo “wolf” seria então uma alusão, através de um *pun*, ao patronímico Lopez (Lopo/*lupus*), apelido do judeu português. Segundo Manhood, este *pun*, referido por outros estudiosos, não tem, porém, razão de ser, pois, no século XV, “usurers were often called wolves (...).”³¹ Poderemos assim estar perante um *double pun*: Shylock é um “usurer”, e “wolf” poderá também ser uma referência ao apelido “Lopes”.

Judeus e outros imigrantes do continente europeu na Inglaterra isabelina seriam, para o cidadão londrino, seres com hábitos exóticos.³² Esse mesmo exotismo, enquanto estética do diverso, encontra-se igualmente presente de uma forma recorrente em *The Tempest*.

A utilização de uma ilha como imagem central na apresentação de vários caminhos para o auto-conhecimento e para a perfeição³³ é um denominador comum nas obras de vários

³⁰ Cf. T. W. Craik (ed.), *Christopher Marlowe. The Jew of Malta*, 1983, p. ix.

³¹ Manhood, *op. cit.*, p. 140. Também Antônio J. Gonçalves Rodrigues, em *O Doutor Rodrigo Lopes protótipo de Shylock*, 1967, p. 47, afirma ser pouco provável a influência de Lopez na peça de Shakespeare.

³² G. K. Hunter, no seu artigo “Elizabethans and Foreigners” in Allardyce Nicoll (ed.), *Shakespeare in his Own Age*, 1974, pp. 43-4, refere a xenofobia dos londrinos isabelinos, mencionando uma comédia de William Haughton, *Englishmen for my money: or, a woman will have her will* (1598). Esta peça relata a história de Pisaro, um judeu mercador “Portingale” em Londres e das suas três filhas, cortejadas simultaneamente por três jovens ingleses e três jovens “do continente”: um francês, um holandês e um italiano. Se as jovens preferem os pretendentes ingleses, o pai prefere os estrangeiros, sendo que, no final, vencem os jovens ingleses, superiores. “Home-keeping youth have ever homely wits”, afirma Shakespeare em *The Two Gentlemen of Verona*, I, 1, 2. Preconceitos raciais reflectem-se na literatura isabelina em Londres, onde, de acordo com o censo de 1567, residiam 2730 “strangers” do continente (Cf. G. K. Hunter, *ibid.*, p. 45)

³³ Cf. Jean Chevalier e Alain Gheerbrant (eds.), *Dictionnaire des Symboles*, 1993, p. 519: “L’île, à laquelle on ne parvient qu’à l’issue d’une navigation ou d’un vol, est par excellence le symbole d’un centre spirituel (...)”. (itálico meu).

autores, desde Homero e Virgílio a Camões, não esquecendo Thomas More, Francis Bacon, Daniel Defoe e o próprio Shakespeare. Na ilha de Caliban, um ambiente artificial, Prospero questiona sucessivamente o mundo em mudança, mudanças essas que o levam a reconhecer as identidades de todas as outras personagens, as suas acções e os seus respectivos lugares na Grande Cadeia do Ser. A ilha representa, tal como nas obras de More e Bacon, um “não lugar”, simbolizando o “lá longe”, tópico recorrente do exotismo literário, tal como o são as descrições do vestuário, da alimentação e dos hábitos dos nativos. Essa “pseudo-geographical identification”³⁴ representa um lugar de iniciação, um ideal de pureza; o paraíso perdido pela sociedade civilizada, também ela povoada por Calibans. Este “brave new world” (V, i, 183)³⁵ de Miranda simboliza a fuga à realidade, como muitas vezes o eram os assustadores relatos de perigosas viagens ao desconhecido. Os Descobrimentos tornam verosímil o facto de poderem existir terras ainda não descobertas, como a ilha habitada por Caliban e Ariel, cuja situação geográfica é incerta.

The Tempest apresenta-nos, através de Prospero e Caliban, uma relação *master-servant*, comum quer nas colónias portuguesas, quer nas inglesas, como o prova a história da expansão e da colonização dos impérios português e inglês. Nesta relação, tal como nos contactos iniciais entre navegadores e nativos — Prospero e Caliban — existe a necessidade de instaurar ou decifrar códigos de comunicação verbal.

Será Caliban apenas um estranho, um exótico estrangeiro, ou será um retrato negro do ser humano? É-o, sendo fruto da imaginação de Shakespeare, espelhando a atracção pelo exótico que os Descobrimentos portugueses e a expansão colonial trouxeram ao mundo ocidental. Tal como Montaigne³⁶ descreve os canibais como uma raça admirável, cujo único pecado é comer carne crua, também Shakespeare nos leva a crer que os únicos pecados de Caliban — um *bon sauvage* — são a sede de desordem e os instintos carnais, que nunca ninguém lhe ensinou a controlar. Na ilha todos os europeus vêm um solo virgem, que,

³⁴ Cf. Hans Biederman, *Dictionary of Symbolism*, 1996, p. 186.

³⁵ Como que através de um processo de *mise en abyme*, este “brave new world” emerge, por sua vez, num outro “new world”, a ilha de Caliban.

³⁶ Montaigne, “Des Cannibales”, in *Essais*, vol. I, xxxi, 1972, p. 307: “Ils sont sauvages, de même que nous appellons sauvages les fruits (...) ce sont ceux que nous avons altérés par notre artifice et détournés de l’ordre commun (...)” Este ensaio, considerado uma das fontes de *The Tempest*, foi traduzido para inglês por John Florio, em 1603.

segundo Gonzalo (II, i, 143-160), lhes daria a oportunidade de organizar uma *commonwealth* sem hierarquias e competição.³⁷

Figuras, temas, imagens, descrições e símbolos exóticos retratados pela literatura portuguesa de viagens renovaram-se constantemente, como o prova a referência a Setebos (V, i, 261), o deus de Sycorax, em *The Tempest*. A primeira referência a este deus encontra-se no relato da circum-navegação de Fernão de Magalhães (1519-22), durante a qual o navegador português capturou dois gigantes da Patagônia: "(...) when they saw how they were deceived they roared lyke bulles³⁸, and cryed uppon thyr greate devyll Setebos to helpe them."³⁹

O navegador consegue domar e converter Setebos ao cristianismo e dá a conhecer esta sua obra ao mundo civilizado.⁴⁰ O mito dos gigantes da Patagônia, de Fernão de Magalhães, serve o plano do maravilhoso pagão de *The Tempest*, persistindo até ao século XVIII, de acordo com Dan O'Sullivan:⁴¹

"Long after the Portuguese had proved that the Green Sea of Darkness was a myth and the equator not an impenetrable barrier, Magellan still believed in his Patagonian giants (...)"

O exotismo do Outro, aqui presente, será uma constante na ilha de Caliban, que Prospero tenta usurpar. Não é apenas o Outro a ser supersticioso, ao entrar em contacto com os europeus, encarando-os por vezes como deuses. O navegador-descobridor constrói, também ele, mitos e monstros que simbolizam o perigo que abunda nas narrativas de viagens, nos bestiários e na cartografia dos séculos XIV-XVII. Basiliscos de quatro pés,

³⁷ Cf. Vitor Aguiar e Silva, «O Exotismo e o Medievalismo», in *Teoria da Literatura*, 1988, p. 549: "A evasão no espaço conduz ao exotismo, ao gosto pelos costumes e paisagens de países novos e estranhos, e, por vezes, ao gosto pelo bárbaro e primitivo. Países de paisagens e costumes tão característicos, de contrastes violentos e de paixões exaltadas, representam as grandes fontes europeias do exotismo (...)"

³⁸ Tal como Caliban (IV, i, 188; I, ii, 365-366). Quem lhe terá dado este nome? A mãe? Se foi Sycorax, porque não saberia ele falar quando Prospero chegou à ilha? Terá sido Prospero? Ou apenas Shakespeare, tentando eternizar o encanto da ilha de Caliban?

³⁹ Marco Antonio Pigafetta, "A Briefe Declaration of the Voyage of the Spaniards round about the World", in Richard Eden (ed.), *History of the Travayle in the West and East Indies*, 1577, p. 434. (Ap. Geoffrey Bullough, *op. cit.*, vol.VIII, pp. 256-7).

⁴⁰ Cf. Pietro Martirio, "Decades of the New Worlde" (1555, p. 219), in *The First Three English Books on America*, 1895 (Ap. Geoffrey Bullough, *ibid.*).

⁴¹ Cf. Dan O'Sullivan, *The Age of Discovery 1400-1550*, 1984, p. 3.

garamantes e gimnosofitas marcam presença em diversos documentos portugueses que relatam a descoberta de novos mundos. Lado a lado com esta zoomitologia convive uma flora igualmente fantástica e as misteriosas músicas que Caliban tão bem compreende.

Uma outra referência que Shakespeare poderá ter retirado do relato da viagem de Fernão de Magalhães foi o nome das criaturas a que o *Bard* chama de “scamels” (II, ii, 172). Stephen Orgel⁴² afirma que o dramaturgo poderá não ter compreendido ou adaptado o termo que leu nesse relato. Os habitantes da Patagônia comiam pequenos peixes descritos como *fort scameaux* (muito escamados) e *squame*, termo este encontrado em diversos dicionários do século XVI.⁴³

Podemos assim observar que os críticos e estudiosos das obras de Shakespeare recorrem frequentemente às narrativas de viagem portuguesas, traduzidas ou narradas por navegadores-escritores europeus, consideradas fontes das peças do dramaturgo. Não só as Américas, mas também os Descobrimientos portugueses estavam na mente de Shakespeare quando este criou a sua ilha, os seus estereótipos de nativos, a sua fauna e flora, o *modus vivendi* dos europeus em locais inóspitos e toda uma panóplia de *topoi* relacionados com o novo mundo.

Em *The Tempest*, para além da utopia (o “golden world” de Gonzalo) e da alusão às “still vex’d Bermoothes” (V, i, 275), entre outras, existe ainda uma outra referência presente, não só mas também, no relato da viagem de Magalhães, um pouco antes do episódio de Setebos: o fogo de Sant’ Elmo.⁴⁴ Na peça de Shakespeare, Ariel afirma:

“ARIEL Now in the waist, the deck, in every cabin,
I **flamed amazement**. (...)
(...)
The yards and bowspirit would I **flame distinctly**,”
(*The Tempest*, I, ii, 197-8/200, negrito meu)

O dramaturgo pode também ter recolhido fontes ao longo das conversas que manteve com navegadores de regresso quer dos

⁴² Stephen Orgel (ed.), *William Shakespeare. The Tempest*, 1994, p. 151.

⁴³ De acordo com o *Oxford English Dictionary*, vol. XVI, 1989, p. 389, o termo “squame” foi também utilizado por Chaucer (“The Canon’s Yeoman’s Tale” in *The Canterbury Tales*, c.1386), entre outros autores.

⁴⁴ Cf. Stephen Orgel, *op. cit.*, p. 112 e Richard Eden, *op. cit.*, pp. 217-218. Este fenómeno é também referido em *Os Lusíadas*, V, 16-22.

novos mundos, quer de Portugal.⁴⁵ Caliban espelha algumas das características dos homens primitivos, descritos pelos navegadores portugueses. No primeiro livro inglês sobre a América, *Of the newe landes and of the people founde by the messengers of the kyng of portyngale*⁴⁶ named Emanuel, lêem-se descrições de povos “[that] goeth all naked... These folk lyve lyke beastes without any reasonables and the wymmen be also as comon (...) And they ete also one another.”⁴⁷

O canibalismo era então descrito como sendo prática comum de alguns povos recém descobertos. O próprio nome Caliban é, segundo inúmeros críticos,⁴⁸ um anagrama do termo “canibal”. Na tragédia *Othello*,⁴⁹ a personagem com o mesmo nome alude também aos canibais e povos antropófagos descritos pelas narrativas de viagem:

“Oth. And with all **my travel’s history**;

Wherein of antres vast, and desert idle,

(...)

It was my hint to speak, such was the process:

And of **Cannibals, that each other eat**;

The Antropophagi; and men whose heads

Do grow beneath their shoulders: (...)”

(I, iii, 139-40; 142-45, negrito meu)

Também Fernão de Magalhães encontrou canibais na América do Sul:

“certeyn Indians gatheringe shel fishes by the sea bankes: beyng men of very high stature, clothed with beastes skinnes. To whom, whereas certayne of the Spaniards went a land, and shewed them belles and paynted papers, they began to daunce and leape about

⁴⁵ De acordo com A. L. Rowse, *op. cit.*, p. 167 e p. 200 respectivamente, “(...) an Englishman, a Bristol man, was the gunner on board Magellan’s ship (...)”. “(...) [Sir James] Lancaster had lived for many years in Portugal as merchant and as soldier; after Philip’s annexation of the country he had come away with bitterness in his heart.”

⁴⁶ Negrito meu.

⁴⁷ Terceira carta de Americo Vespucci, in *The First Three English Books on America*, E. Arber, 1895, pp. xxv-vii (Ap. Geoffrey Bullough, *op. cit.*, vol. VIII, p. 255).

⁴⁸ Cf. Frank Kermode (ed.), *William Shakespeare. The Tempest*, 1961, p. xxxviii: “E. K. Chambers favours the derivation from Cauliban, a romany word meaning “blackness”. There is also the chalybeates, savage cannibals of the ancient world (...)”.

⁴⁹ M. R. Ridley (ed.), *William Shakespeare. Othello*, 1968, p. 29.

interteined their gestes after a barbarous and beastly maner, which nevertheles semed princelike.”⁵⁰

A personagem Caliban, o “deformed slave”, ecoa assim as inúmeras descrições de Fernão de Magalhães e de navegadores ingleses como Richard Hakluyt ou Samuel Purchas, que, “publicando as narrativas e descrições das nossas viagens, procuram estimular o espírito prático dos seus compatriotas, para a exploração do mundo que nós abrimos às suas iniciativas e onde muito ficava ainda para as aventuras e audácias.”⁵¹

Não só a literatura de viagens e feitos portugueses, bem como figuras portuguesas que viveram na Inglaterra isabelina e obras literárias de autores portugueses se apresentam como fontes para algumas peças de Shakespeare; também a nossa geografia, os nossos produtos, as nossas lendas e Descobertas povoam o imaginário de um dos maiores vultos da literatura mundial, referências estas que é importante sistematizar para que nos possamos conhecer um pouco melhor, também, através de Shakespeare. A leitura das várias fontes e influências portuguesas das suas obras proporcionam ao leitor uma visão diferente do processo criativo, do modo como Shakespeare adaptou, reescreveu e interpretou os referidos materiais.⁵²

BIBLIOGRAFIA

Bibliografia Activa:

ADAMS, Robert M. (ed.), *Thomas More. Utopia*, col. «A Norton Critical Edition», W. W. Norton & Company, Nova Iorque, 1975.

AFONSO, Maria João Da Rocha, «O Percurso de um Esterótipo — O Judeu em Scott, Dickens e Eliot», Trabalho policopiado, F.C.S.H, Universidade Nova de Lisboa, 1985.

⁵⁰ Pietro Martirio, *op. cit.*, pp. 32-3 (Ap. Bullough, *op. cit.*, p. 256).

⁵¹ Hernâni Cidade, “Portugal e as letras portuguesas nas literaturas estrangeiras”, in Jacinto do Prado Coelho (dir.), *Dicionário de Literatura*, vol. 3, 1992, p. 856.

⁵² Cf. G. B. Harrison, *Introduction to Shakespeare*, 1966, p. 78: “The first consideration is to re-create the historical environment in which Shakespeare’s plays were written. A working dramatist is concerned with entertaining his audience, and all acted drama directly or indirectly reflects the interests, taste and ideas of the time of its first production. The events great and small that were happening around Shakespeare are therefore directly or indirectly part of his material (...). All these affected Shakespeare immediately; they passed through the filter of his personality and were largely the material of his drama; for he, no less than other dramatists, supplied his audience with thoughts that were immediately interesting and exciting.”

- AZEVEDO, José Lúcio de Azevedo, *História dos Cristãos Novos Portugueses*, Livraria Clássica Editora, Lisboa, 1921.
- BIEDERMAN, Hans, *The Wordsworth Dictionary of Symbolism*, col. «Wordsworth Reference», Wordsworth Editions Ltd, Hertfordshire, 1992.
- BOWERS, Fredson (ed.), *The Complete Works of Christopher Marlowe*, Vol. 1, Cambridge University Press, Londres, 1973.
- BOYCE, Charles, *The Wordsworth Dictionary of Shakespeare*, col. «Wordsworth Reference», Wordsworth Editions Ltd, Hertfordshire, 1996.
- BRANDÃO, Raul, *Os Pescadores*, Estúdios Cor, Lisboa, 1973.
- BROWN, John Russel (ed.), *William Shakespeare. The Merchant of Venice*, col. «The Arden Shakespeare», Methuen & Co Ltd, Londres, 1979.
- BULLOUGH, Geoffrey (ed.), *Narrative and Dramatic Sources of Shakespeare*, vol. 1, Routledge and Kegan Paul, Londres, 1977; vol. 3, 1985.
- CAIRNCROSS, Andrew S. (ed.), *William Shakespeare. King Henry VI, Part II*, col. «The Arden Shakespeare», Methuen & Co. Ltd, Londres, 1969.
- CHEVALIER, Jean e Alain Gheerbrandt (eds.), *Dictionnaire des Symboles*, Robert Laffont/Jupiter, Paris, 1993.
- COELHO, Jacinto do Prado (dir.), *Dicionário de Literatura*, Vol. 3, Figueirinhas, Porto, 1992.
- CRAIK, T. W. (ed.), *Christopher Marlowe. The Jew of Malta*, Ernest Benn Limited, Londres, 1983.
- FARMHOUSE, Maria de Nazareth Borges da Costa, *"The Four Elements" e os Descobrimentos Portugueses*, Dissertação de Licenciatura em Filologia Germânica, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 1959.
- HARRISON, G. B., *Introduction to Shakespeare*, Penguin Books, Harmondsworth, 1966.
- HUMPHREYS, A. R. (ed.), *William Shakespeare. King Henry IV, Part I*, col. «The Arden Shakespeare», Methuen & Co Ltd, Londres, 1978.
- JOHNSTON, Arthur (ed.), *Francis Bacon. The Advancement of Learning and New Atlantis*, Clarendon Press, Oxford, 1980.
- JOST, François, *Introduction to Comparative Literature*, The University of Illinois Pegasus, Nova Iorque, 1974.
- KERMODE, Frank (ed.), *William Shakespeare. The Tempest*, col. «The Arden Shakespeare», Methuen & Co Ltd, Londres, 1961.
- LATHAM, Agnes (ed.), *William Shakespeare. As You Like It*, col. «The Arden Shakespeare», Methuen & Co Ltd, Londres, 1975.
- LEWIS, C. S., *English Literature in the Sixteenth Century Excluding Drama*, col. «The Oxford History of English Literature», Oxford University Press, Londres, 1959.

- MANHOOD, M. M. (ed.), *William Shakespeare. The Merchant of Venice*, col. «The New Cambridge Shakespeare», Cambridge University Press, Cambridge, 1987.
- MONTAIGNE, *Essais*, vol. I, Le Livre de Poche, Paris, 1972.
- MOURA, Jean-Marc, *Lire l'Exotisme*, Dunod, Paris, 1992.
- MUIR, Kenneth, *The Sources of Shakespeare's Plays*, Methuen & Co Ltd, Londres, 1977.
- NICOLL, Allardyne (ed.), *Shakespeare in his Own Age*, Cambridge University Press, Cambridge, 1974.
- ORGEL, Stephen (ed.), *William Shakespeare. The Tempest*, col. «The World's Classics», Oxford University Press, Oxford, 1994.
- O'SULLIVAN, Dan, *The Age of Discovery 1400-1550*, Longman, Londres, 1984.
- QUILLER-COUCH, Sir Arthur e John Dover Wilson (eds.), *William Shakespeare. Much Ado About Nothing*, Cambridge University Press, Cambridge, 1975.
- RIDLEY, M. R. (ed.), *William Shakespeare. Othello*, col. «The Arden Shakespeare», Methuen & Co. Ltd, Londres, 1968.
- RODRIGUES, António J. Gonçalves, *O Doutor Rodrigo Lopes protótipo de "Shylock"*, Dissertação de Licenciatura em Filologia Germânica apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 1967.
- ROWSE, A. L., *The Expansion of Elizabethan England*, Macmillan & Co Ltd, Londres, 1955.
- SALVADOR, José A. e Luís Ramos, *O Livro dos Vinhos*, Editorial Fragmentos, Lisboa, 1989.
- SILVA, Vitor Aguiar e, *Teoria da Literatura*, 8.^a edição, Livraria Almedina, Coimbra, 1988.
- SIMÕES, Manuel, *A Literatura de Viagens nos Séculos XVI e XVII*, col. «Textos Literários», Editorial Comunicação, Lisboa, 1985.
- TAVARES, António Augusto *et al.* (trad.), *Bíblia Sagrada*, Difusora Bíblica, Lisboa, 1995.

Bibliografia Passiva:

- DUNCAN-JONES, Katherine (ed.), *Sir Philip Sidney — A Critical Edition of the Major Works*, Oxford University Press, Oxford, 1989.
- LAROQUE, François, *Shakespeare — Comme il vous plaira*, col. «Découvertes Gallimard», Gallimard, Évreux, 1991.

- LEY, Charles David (ed.), *Portuguese Voyages 1498 — 1663*, J. M. Dent & Sons, Londres, 1953.
- ROTH, Cecil, *A History of the Jews in England*, Clarendon Press, Oxford, 1979.
- SPENCER, Theodore, *Shakespeare and the Nature of Man*, Macmillan, Nova Iorque, 1961.
- SPURGEON, Caroline, F. E., *Shakespeare's Imagery and What It Tells Us*, Cambridge University Press, Cambridge, 1965.